

## Dêixis espacial do italiano e (inter)subjeficação

Scamparini, Julia<sup>1</sup>

RESUMO: Este estudo investiga as signifcações pragmáticas dos dêiticos espaciais *qui* e *qua* da língua italiana (*aqui*, em português) sob o viés da Linguística Cognitiva. Apesar de serem tradicionalmente classificados como sinônimos pela gramática e pelos usuários nativos do italiano, a teoria dos espaços mentais e a noção de (inter)subjeficação mostram que a preferência do falante por um dos dêiticos leva em conta a conceptualização espacial que ele tem de seu interlocutor.

Palavras-chave: Dêixis espacial; (Inter)subjeficação; Língua italiana.

### Introdução

*Io qui. Tu là.*

*Tu lì. Io qua.*<sup>2</sup>

A dêixis é o fenômeno linguístico por excelência que evidencia a interdependência entre linguagem e contexto. Contudo, a interpretação de termos dêiticos em uso ganha refinamento analítico quando se levam em conta bases conceptuais como responsáveis pela sua signifcação pragmática. Tal possibilidade é proposta e sustentada por algumas noções da Linguística Cognitiva, teoria desenvolvida e sistematizada a partir do fim da década de 70, quando examinar unidades lingüísticas como entidades autônomas tornou-se apenas uma alternativa de análise, sendo complementada pela opção de estudá-las como manifestações de capacidades cognitivas, ou seja, como manifestações de organização conceptual de alto nível.

Um dos pressupostos da abordagem cognitiva é considerar pareamentos entre forma e função como *construções gramaticais* (Goldberg, 2006). Dentre elas estão incluídas não somente expressões mais complexas (como condicionais e expressões idiomáticas), mas também itens lexicais e morfemas. A noção de construção não admite que haja equivalência de significado entre formas tradicionalmente consideradas sinônimas e, ao lado da teoria dos espaços mentais (Fauconnier 1994, 1997) e de outras noções, como as de subjeficação e intersubjeficação (Langacker 1990, Traugott 2005), permitirá que fatos lingüísticos tenham suas sutilezas pragmáticas explicadas.

Com base em estudos cognitivistas sobre dêixis (Marmaridou 2000, Rubba 1996) e amparados pela teoria dos espaços mentais em interface com a noção de intersubjeficação, a

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Lingüísticos Neolatinos – Língua Italiana pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Mestre em Linguística pela UFRJ (2006).

<sup>2</sup> “*Eu aqui. Você lá. Você aí. Eu cá.*” Poema de Patrizia Cavalli, tradução nossa.

proposta do presente trabalho é investigar os mecanismos de conceptualização do falante/escritor ao optar por *qui* ou *qua* (*aqui*, em PB) ao fazer referência dêitica ao espaço em que se insere, seja ele físico ou conceptual. A hipótese é a de que a escolha do falante leve em conta seu ponto de vista em relação à participação de seu leitor no espaço proximal ao qual faz referência. As evidências para esta hipótese foram buscadas em exemplos reais de língua escrita extraídos da internet.

### **Teoria dos espaços mentais**

Uma das premissas da Linguística Cognitiva é a de que, ao nos comunicarmos, lançamos mão de domínios cognitivos organizados e ativados pelo uso da linguagem. Esses domínios podem corresponder a estruturas de memória social (*domínios estáveis*) ou podem ser *dinâmicos*, ou seja, criados enquanto falamos e pensamos (Fauconnier, 1994). Os domínios estáveis correspondem a partes organizadas do conhecimento que temos do mundo como, por exemplo, o fato de entendermos que autores e livros, porque há uma ligação socialmente construída entre eles, fazem parte de uma mesma “área”.

A arquitetura dos esquemas conceptuais estáveis de Lakoff (1987), nomeados Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), fundamenta-se na proposta de que o raciocínio humano é amparado e caracterizado por estruturas de conhecimento organizadas, as quais são formadas culturalmente e através da experiência do homem no mundo. Lakoff sugere que o homem organiza o conhecimento compartilhado através do estabelecimento de categorias e que as estruturas assim organizadas permitem que sejam feitas relações/conexões entre elas. Os modelos cognitivos são *idealizados* porque não correspondem ao mundo “real”, mas a maneiras como o mundo é entendido e organizado por seus habitantes culturalmente diversificados. Também são idealizados porque não são estanques, uma vez que seu processo de categorização é constituído por exemplos prototípicos que geram assimetrias<sup>3</sup>.

No que se refere a domínios dinâmicos, Fauconnier (1994) propõe um modelo de organização para a relação entre processos linguísticos e construções mentais. Sugere que a

---

<sup>3</sup>O entendimento que algumas comunidades têm sobre o universo feminino ilustra a noção de MCI: dona-de-casa, mãe, (e/ou trabalha fora), emocionalmente mais frágil que o homem, preocupada com beleza física, etc. Assim, a categoria *mulher* é definida por um MCI e motiva assimetrias a partir do membro central – que pode ser diferente para duas comunidades distintas: a mulher prototípica de uma comunidade rural não trabalhará fora, por exemplo. O membro central apresenta as características todas do modelo, e uma mulher que seja dona-de-casa e mãe, mas que não se preocupe com a beleza, ainda estará na categoria *mulher*, mas será um exemplo menos prototípico.

interação entre conexões cognitivas e a linguagem natural ocorre devido à capacidade humana de criar e trabalhar com *espaços mentais*. Na célebre sentença de Jackendoff, (a) “*No quadro, a menina de olhos verdes tem olhos azuis*”<sup>4</sup>, a referência descritiva do alvo (a menina no quadro) pelo gatilho (a menina real) é possível e não passível de desconforto ou difícil entendimento porque as expressões têm referência em espaços mentais diferentes: um novo domínio é aberto pela expressão ‘no quadro’.

Diversos fenômenos linguísticos são explicados pela noção de espaços mentais, como ambiguidades referenciais<sup>5</sup>, diferenças de tempo e modo e também alguns usos da dêixis (Rubba, 1996). Da mesma forma, a noção de MCI contribui para a abordagem cognitiva da dêixis, como veremos nos trabalhos comentados na seção a seguir.

### **Dêixis locativa**

Uma elucidação unificada do fenômeno da dêixis é inaugurada pela investigação de Marmaridou (2000), que propõe uma conceptualização dêitica prototípica baseada sobretudo na experiência corpórea humana e em projeções imagéticas e metafóricas. Segundo a autora, o ato de apontar resulta no estabelecimento de um espaço que contém um centro dêitico, um interlocutor e entidades referenciadas dentro de um recorte temporal, o que configura o esquema imagético que será então ativado através do uso linguístico de um termo dêitico. Esse esquema imagético de *centro x periferia* é, portanto, baseado na experiência humana de ter um corpo com um centro (o tronco) e periferias, sendo que a parte central é mais importante porque as periferias dependem dela. Em consequência, os elementos estruturais desse esquema imagético são o falante e os objetos da dêixis – entidade referenciada e interlocutores – e todos são conceptualizados como entidades no espaço. O uso mais prototípico da dêixis será, então, dado pelo uso de um termo que garanta este esquema imagético em sua forma mais ideal.

Marmaridou conclui que o significado prototípico dos termos dêíticos é resultado de um esquema de organização conceptual, o qual ela nomeia *MCI dêitico*. Assim, uma expressão linguística será prototipicamente dêitica quando, ao ser usada, construir um espaço

---

<sup>4</sup> *In the picture, the girl with green eyes has blue eyes.* Jackendoff, R. Morphological and semantic regularities in the lexicon. *Language*, (51). 1975. p. 639-671.

<sup>5</sup> Em (b) “*João quer casar com uma norueguesa*”, o referente *norueguesa* pode estar no espaço do 'querer' assim como no espaço-base atual.

que é totalmente estruturado pelo MCI dêítico. As sentenças abaixo ilustram alguns usos dêíticos prototípicos:

(c) Aqui não vendemos bebidas alcoólicas.

(d) Hoje tá fazendo muito calor.

(e) Você entendeu o que eu quis dizer?

E as figuras 1 e 2 são a representação do MCI dêítico em forma imagética (1) e transformado em modelo proposicional (2):

Fig.1

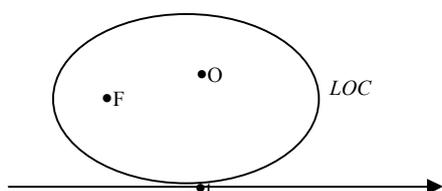


Fig. 2

<b>MCI da dêixis</b>
Ato de apontar
Falante
Ouvinte
Cenário comunicativo
Momento da comunicação

A partir da escala proposta por Marmaridou, com base em seu esquema conceptual dêítico (2000, p. 97-116), e conforme sua estrutura idealizada, os MCIs possibilitam usos *assimétricos* (ou seja, não-prototípicos), que serão ancorados em outras bases conceptuais, como em:

(f) Você bate as claras antes de começar a fazer o bolo.

(g) Agora vamos colocar o pijaminha.

O trabalho cognitivista desenvolvido por Rubba (1996) é um exemplo de dependência interpretativa baseada em um espaço diferente ao do momento de fala – ou seja, é um exemplo de assimetria dêítica. Seu estudo demonstra que usos dêíticos que seriam, à primeira vista, “inapropriados”, são permitidos porque vêm ancorados em espaços mentais ativados pelo discurso ou em bases conceptuais estáveis (os MCIs). Essas novas bases de referência – ou *grounds*, se optarmos pela nomenclatura de Rubba – são responsáveis pelo uso do demonstrativo *that* (*aquele/a*), que prototipicamente indica distância, por um falante que se refere a um lugar próximo a ele e aos interlocutores no momento da enunciação. Assim, em (h) “*The first thing you think is... you’re in **that** part of the city<sup>6</sup>*” está em jogo o estabelecimento de um espaço de referência distante do espaço da enunciação (Rubba 1996, p. 244-248).

<sup>6</sup> *A primeira coisa que você pensa é... você ‘tá **naquela** parte da cidade.*

No que se refere à língua escrita, a questão do contexto físico/conceptual impulsiona ainda mais investigação, já que os espaços do escritor e do leitor têm de ser negociados, uma vez que ambos estão em locais (e tempos) diferentes e que entra em jogo um espaço discursivo. Neste sentido, em Scamparini (2006) procurou-se esclarecer como o uso de dêiticos é processado no discurso jornalístico impresso. A conclusão a que se chegou foi a de que as possibilidades de interpretação de um termo dêitico em texto impresso são dadas por um MCI ativado pelo discurso – através de seus temas e léxico específicos – mesclado<sup>7</sup> ao MCI prototípico da dêixis. O dêitico *aqui* foi interpretado, nos dados da pesquisa, como o local de comunicação do texto escrito (coluna do jornal) ou o país em que os interlocutores estavam (Brasil), a depender do MCI ativado pelo texto: no primeiro caso, *MCI da comunicação escrita*; no segundo, *MCI da crise brasileira atual* (Scamparini 2006, p. 58 e 63). Abaixo, constam os diagramas que representam dois MCIs em jogo:

Fig. 2

<b>MCI da dêixis</b>
Ato de apontar
Falante
Ouvinte
Cenário comunicativo
Momento da comunicação...

Fig. 3

<b>MCI da comunicação escrita</b>
Escritor
Leitores
Espaço textual
Dia da redação
Dia da leitura...

Os quais, mesclados, definem um novo espaço que dá significação aos termos dêiticos usados no discurso impresso:

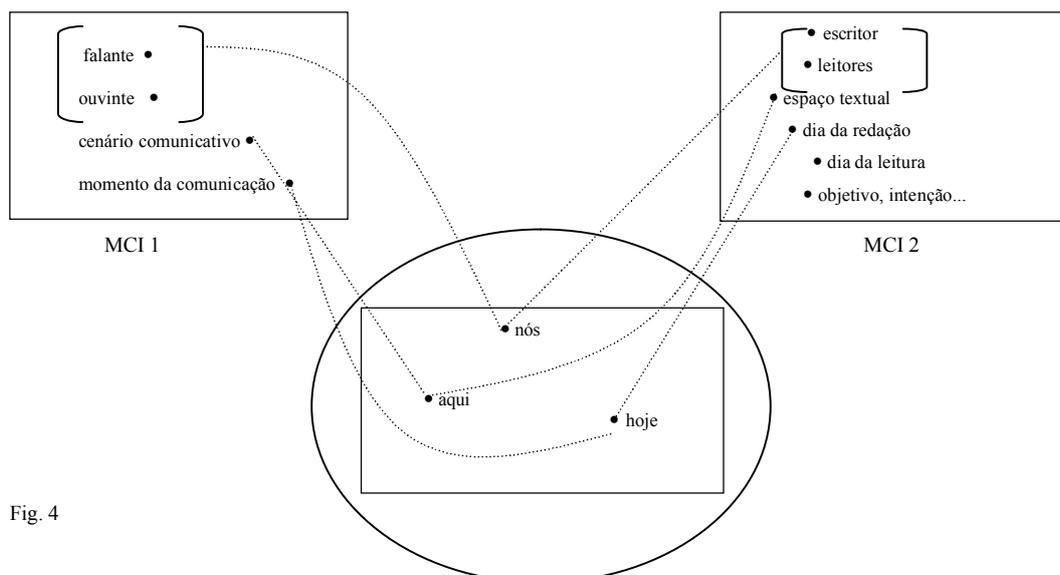


Fig. 4

<sup>7</sup> A noção de *mesclagem conceptual* (*blending*, Fauconnier 1997) é um processo cognitivo que permite a interação entre domínios conceptuais, estáveis ou não, que funcionam como input para um novo espaço mental estruturado – a mescla.

## Um problema

Os três estudos citados esclarecem consideravelmente o funcionamento da dêixis, ainda que estejam restritos pelos dados recolhidos, tanto quando aplicados ao inglês como ao português. Frente a exemplos da língua italiana, porém, colocam-se novas interrogações. Vejamos os exemplos a seguir:

(1) Innanzitutto, non sai chi è Raymond Queneau? Male, molto male. Corri subito ad acculturarti: se non sei francofono, fermati **qua**.

*Antes de qualquer coisa, você não sabe quem é Raymond Queneau? Ruim, muito ruim. Vá correndo atrás de cultura: se você não conhece a cultura francesa, pare **aqui**.*

(2) ...Al centro dei dibattiti (a volte inutili, ma di questo ho parlato nel mio blog, **qui** non interessa) il tema dell'innovazione...

*...No centro dos debates (às vezes inúteis, mas sobre isso falei no meu blog, e **aqui** não interessa), o tema da inovação...*

Uma vez que se trata de língua escrita, consideremos as conclusões de Scamparini (2006): a interpretação de *qua*, assim como de *qui*, refere-se aos sites da internet onde estão publicados os discursos – no caso, dois blogs –, o que equivale à informação locativa dada pelo MCI da comunicação escrita identificado no trabalho em questão. Ou seja, a referência espacial não é o contexto físico, referência dêitica prototípica, mas um espaço alternativo evocado pelo discurso.

Quando a referência dêitica locativa ancora-se no espaço físico do falante, a alternância entre os termos também se mantém, como podemos ver nos exemplos abaixo:

(3) ...quando fanno il video di mondo marcio? xke nn lo fate venire a belvedere io lo voglio vedere! x favore portatemelo **qua** vi prego lo voglio vedere !

*Quando farão o vídeo de Mondo Marcio? Porque não o trazem a Belvedere, eu quero vê-lo!  
Por favor, tragam-no **aqui**, quero vê-lo!...*

(4) vi seguio da sempre sono venuta due volte durante la vostra tappa a bari vi prego la proxima estate tornate di nuovo **qui** e vi prego portate lee ryan o jesse!!!

*Sigo vocês sempre, vim duas vezes durante a sua estadia em Bari, peço que voltem **aqui** no próximo verão e...*

O problema que se coloca está na possibilidade de se fazer referência locativa proximal, física ou conceptual, através de dois termos considerados sinônimos pelos usuários e pelas gramáticas da língua. A Linguística Cognitiva e a gramática das construções não admitem a possibilidade de que uma língua faça uso de duas expressões distintas para representar prototipicamente um significado potencial idêntico (Goldberg, 1995, Langacker, 1990, Traugott, 2005). Isso quer dizer que, conceptualmente, os usuários da língua italiana devem diferenciar os termos *qui* e *qua* de alguma maneira. As hipóteses deste trabalho identificam esta diferenciação com uma provável leitura espacial conceptualmente diferente do lugar em que se inserem o falante e seus interlocutores, o qual é expresso linguisticamente em português e inglês por um único item lexical<sup>8</sup>. Mas a existência e a alternância dos dêiticos locativos proximais da língua italiana sugerem uma gramaticalização desses (ou outros) aspectos pragmático-cognitivos, ou seja, de diferentes pontos de vista do falante sobre o espaço ao qual se refere e em que se insere.

### **(Inter)subjeficação**

“*Se assumimos que ‘gramática’ é ‘sistema lingüístico’ e ‘código’, a ligação entre ‘gramática’ e ‘uso’ é o par SP/W – AD/R<sup>9</sup>, que negocia significado de maneira interativa, respondendo ao contexto e criando contexto*” (Traugott 2005, p. 7). O termo dêitico *aqui* responde ao contexto imediato de fala prototipicamente, e apresenta assimetrias que criam ou acessam novos contextos – ou espaços, ou grounds. Interpretar a menção de um *aqui* depende, portanto, de reconhecer o espaço ativado para poder substituir o recorte espacial pelo significado dado pelo discurso. A pragmática é resolvida, mas, no que se refere à ‘gramática’, não se estabelece diferenciação se comparados os itens *qui* e *qua* traduzidos ao português, ou mesmo ao inglês.

A noção de subjeficação proposta por Langacker (1990) e as noções de subjeficação e intersubjeficação propostas Traugott (2005) parecem oferecer um esclarecimento. Para Langacker, apresenta subjefividade um item que codifica uma relação entre o falante e a situação expressa; em outras palavras, uma situação que apresente o falante incluído na semântica da expressão lingüística, ou no espaço mental ativado pela mesma. Em seus termos,

---

<sup>8</sup> O termo *cá*, em português, que equivaleria a *aqui*, ocorre atualmente apenas em algumas locuções como *toma lá dá cá*, *cá estou, vir pra cá*, entre outras. Não tem a mesma abrangência de uso que a palavra *aqui* e, portanto, não equivale à alternância entre *qua* e *qui* do italiano.

<sup>9</sup> Speaker/Writer e Addressee/Reader que equivalem em português a Falante/Escritor e Ouvinte/Leitor.

se o *ground*<sup>10</sup> (evento de fala, seus participantes e circunstâncias imediatas, como espaço e tempo) está dentro do escopo da predicação, tem-se uma construção subjetiva da mesma. Isso acontece quando, por exemplo, o falante menciona a frase “*a árvore está na frente da pedra*”, situação que depende de sua perspectiva. Ainda mais subjetivo será o uso lingüístico que inclui o *ground* sem mencionar explicitamente nenhum de seus aspectos (interlocutores, espaço, tempo), como em “*a árvore está na frente!*”. Diferentemente, ao mencionar uma palavra como “*árvore*”, o falante coloca-se fora do escopo máximo da predicação, pois a situação descrita não apresenta nenhum envolvimento do falante com o uso lingüístico.

Segundo o autor, “a classe de expressões dêiticas pode ser definida como aquelas que invocam o *ground*, e então o incluem em seu escopo” (1990, p. 8), e é dividida em duas sub-classes: uma em que o *ground* fica *offstage* (“nos bastidores”) e comporta termos como *ontem*, *amanhã* ou *ano passado*; e outra que abarca as expressões *eu*, *você*, *aqui* e *agora*, a qual coloca o *ground* *onstage* (“no palco”) – ou seja, maximamente subjetificado, em seus termos. Em consequência desta proposta de análise, a equivalência dos termos *qua* e *qui* se mantém, pois ambos fazem referência lingüística ao lugar em que se encontra o falante (pelo menos) e, portanto, indicam inclusão do *ground* no escopo da expressão lingüística.

A proposta de Traugott, no entanto, é mais ampla e admite que outras nuances de sentido sejam responsáveis pela alternância entre os termos. Para a autora, subjetividade codifica explicitamente o ponto de vista do SP/W e, paralelamente, intersubjetividade é a expressão codificada e explícita da atenção do SP/W à imagem do AD/R em sentido social ou epistêmico, ou que envolve o AD/R como participante do evento de fala, e não no mundo referenciado. Em relação aos dêiticos, o uso de *I* e *you*, por exemplo, estão ancorados no ponto de vista do falante e, então, apresentam subjetividade; já a alternância de referência de 2ª pessoa entre *tu* e *Lei* do italiano, ou *você* e *o senhor* do português, revelam intersubjetividade, já que consideram a relação maior ou menor formalidade estabelecida com o interlocutor.

Mais do que sujeito-narrador, para Traugott o falante é sujeito-personagem. Sua noção de subjetificação amplia aquela proposta por Langacker porque leva em conta que a expressão apresente ancoramento no raciocínio, crença ou atitude metatextual do falante. A relação com o falante já está dada pela semântica do termo – considerada a proposta de Langacker –, mas seu conceito vai além, afirmando que o significado se dá pela avaliação pessoal da situação

---

<sup>10</sup> A noção de *ground* em Rubba (1996) provém da proposta de Langacker, mas é ampliada e pode ser entendida genericamente como base conceptual.

pelo mesmo. Em seu estudo sobre as condicionais do grego, Nikifouridou & Katis (2000) demonstram que os marcadores de condicional *ama*, *ean*, e *na*, como variantes de *an*<sup>11</sup> (a partícula mais usada nessa língua), são “escolhidos” pelo falante porque refletem sua construção da situação que vem expressa na prótase: *ama* expressa uma construção subjetiva em que o falante é observador e juiz e tem interesse pessoal no conteúdo da prótase; *na* também demonstra interesse do falante pelo conteúdo da prótase, mas indica sua presença física no evento descrito; *ean* expressa envolvimento entre falante e ouvinte, agregando, por exemplo, valor ilocucionário à sentença. Ou seja, todos os marcadores apontam algum tipo de envolvimento do falante em relação à situação expressa pela prótase e, aproximando-se à análise proposta por Langacker, todos envolvem construção subjetiva dada pelos marcadores, cada um semanticamente justificada e amparada por análise diacrônica.

Neste sentido, procuraremos demonstrar que as diferentes expressões locativas *qua* e *qui* que, a priori, têm a mesma referência são, na verdade, marcadores de ponto de vista do falante, o qual tem a função de escolher não somente o conteúdo a ser comunicado, mas também a perspectiva a partir da qual esse conteúdo é expresso.

### **Análise dos dados**

Uma vez que os termos analisados são dêiticos e, portanto, a priori altamente subjetivos, apresenta-se a hipótese de que a alternância entre *qui* e *qua* se deve a aspectos de intersubjetificação. Assim, demonstraremos que os nominais *qui* e *qua* apresentam aspectos específicos da relação entre o falante, o lugar referenciado por esse e o interlocutor do discurso. Seguindo a prototipicidade do MCI dêitico, serão verificados primeiramente os casos em que a referência de espaço equivale a contexto físico. Vejamos o seguinte caso:

(3) quando fanno il video di mondo marcio? xke nn lo fate venire a belvedere io lo voglio vedere! x favore portatemelo **qua** vi prego lo voglio vedere !mondo sei tutta la mia vita sei unicoooooooooooooooooooooooooooooo by marcina da belvere 93

*Quando farão o vídeo de Mondo Marcio? Porque não o trazem a Belvedere, eu quero vê-lo!  
Por favor, tragam-no aqui, quero vê-lo! Mondo, você é minha vida, você é único. Ass.  
Marcina de Belvedere 93*

---

<sup>11</sup> Todos correspondentes a *if*, no inglês.

Extraído de um blog, o recado pede à produção do espetáculo que levem o artista Mondo Marcio a sua fã, ao lugar onde ela se encontra. Ela usa os verbos *far venire* e *portare*, que significam *trazer* e que evidenciam que ela reconhece que o interlocutor não compartilha deste espaço.

(5) Son **qua**, seduto sul bordo del letto su questo plaid ispido e pungente, e me lo penso, quell'uomo. Sessant'anni appena compiuti e un fagotto di umiliazioni portato in giro per mezza Italia. Dormì sotto questo plaid per una decina di notti, cinquantotto anni fa. Pensava che la sua stella fosse tramontata per sempre.

*Estou **aqui**, sentado na ponta da cama em cima deste cobertor peludo e pungente, e penso naquele homem. Sessenta anos apenas completos e um xxx de humilhação espalhado em metade da Itália...*

Em (5) o escritor faz, claramente, referência ao lugar em que se encontra, embora mais uma vez a situação se trate de comunicação entre internautas. Nesse caso, o local que ele referencia é o ambiente físico em que está escrevendo, ao qual seus interlocutores não têm acesso e, assim como no trecho (3), opta pelo dêitico *qua*. Vejamos agora o uso de *qui*:

(6) SCEGLIESTE un sito magnifico fermando la dimora a Piazza di Spagna. Gli Alberghi **qui** sono fra' migliori di Roma. Io però non v'invidio: chè grazie all'amicizia ho una bella stanzetta al Corso, in casa particolare. Ve n'ha moltissime di queste in Roma, e costan poco: che al Corso, per un mese, potete averle per 10 scudi, per 7 nelle vicinanze, e anche per meno ne' siti più lontani.

*Vocês escolheram um lugar magnífico ao estabelecer moradia na Piazza di Spagna. Os hotéis **aqui** estão entre os melhores de Roma. Eu, porém, não invejo vocês: pois graças a amigos tenho um belo quartinho no Corso, numa casa particular...*

O trecho (6) tem o dêitico *qui* interpretado como *Piazza di Spagna*, local no qual o falante e também os interlocutores se encontram, já que, segundo o trecho, escolheram a praça como lugar de morada. Considerados os três textos comentados, fica sugerido que a alternância de uso dos termos *qui* e *qua* se dá de acordo com a participação ou não do leitor no espaço ativado, o que caracteriza um processo de intersubjetificação. O dêitico *qua* indicará a ausência do leitor no espaço físico referenciado; o dêitico *qui* apontará um espaço físico que ambos interlocutores compartilham.

Em busca de uma definição mais abrangente das especificidades dos termos *qua* e *qui*, apresentaremos textos em que os dêiticos fazem referência a um espaço conceptual. Os exemplos reunidos são trechos de comunicação escrita e, desta forma, a referência locativa será, em geral, o espaço discursivo de publicação do texto. Procuraremos deixar claro se a

alternância entre *qua* e *qui* relaciona-se com a ausência ou participação dos interlocutores no espaço proximal referenciado pelo escritor, ou seja, se a diferenciação entre a leitura *conceptual* de *qua* e *qui* segue a conclusão a que se chegou ao analisar a interpretação *física* dos termos. Vejamos:

(1) Innanzitutto, non sai chi è Raymond Queneau? Male, molto male. Corri subito ad acculturarti: se non sei francofono, fermati **qua**. Tra i vari libri scritti da Queneau, Esercizi di stile è un must per chiunque pensi che con le parole si possa giocare. Un banale episodio viene raccontato in novantanove modi diversi.

*Antes de qualquer coisa, você não sabe quem é Raymond Queneau? Ruim, muito ruim. Vá correndo atrás de cultura: se você não conhece a cultura francesa, pare aqui. Entre os vários livros escritos por Queneau, Exercícios de Estilo é um must pra quem acredita que se pode jogar com as palavras...*

O texto dirige-se a um visitante do blog e convida-o a “parar” para saber mais sobre o autor de *Exercícios de Estilo*, ou seja, convida-o a tornar-se leitor do conteúdo do site.

No exemplo a seguir, também retirado de um blog, o autor narra aos leitores um evento do qual participou:

(2) Torno da Bruxelles, dove per lavoro ho partecipato agli Open Days, una settimana di incontri sul tema dello sviluppo economico dell'Europa. Al centro dei dibattiti (a volte inutili, ma di questo ho parlato nel mio blog, **qui** non interessa) il tema dell'innovazione, delle tecnologie informatiche e di internet come veicoli fondamentali per lo sviluppo. Bene. L'Italia è uno dei paesi "avanzati" in cui è inferiore la penetrazione della "Banda larga" (numero di linee per 100 abitanti)...

*Estou voltando de Bruxelas, onde participei a trabalho dos Open Days, uma semana de encontros sobre o tema do desenvolvimento econômico da Europa. No centro dos debates (às vezes inúteis, mas sobre isso falei no meu blog, e **aqui** não interessa), o tema da inovação, das tecnologias informáticas e da internet como veículo fundamental para o desenvolvimento. Muito bem. A Itália é um dos países "avançados"...*

Nos dois textos acima, o lugar a que o escritor se refere é o blog em que escreve, porém, o primeiro convida o visitante a uma discussão, e o segundo reconhece o leitor como interlocutor de uma “conversa”. Ocorre uma diferenciação entre um espaço do qual o interlocutor faz parte (trecho (2)), e um espaço em que somente o escritor se encontra (1); em outras palavras, fica indicado que o termo *qua* representa o ponto de vista conceptual do escritor, que identifica um espaço do qual o leitor não participa. O termo *qui*, por sua vez, sinaliza um espaço compartilhado por ambos interlocutores.

Vejam os mais algumas ocorrências de *qua* e *qui* que levam a uma interpretação análoga:

(7) Fabrizio: è un pensiero che stanno facendo in molti. Oggi mi avranno chiesto un parere almeno in 30. Inutile, le quote future le prenderanno lo stesso, però, magari, si salva il pregresso perchè questi **qua** amano le retroattività. Fatti coraggio ;-)

*Fabrizio, é um pensamento que muitos estão tendo. Hoje pelo menos 30 me terão pedido uma opinião. Inútil, pegarão as quotas futuras do mesmo jeito, quem sabe se salva o anterior, porque esses **aqui** amam a retroatividade. Tenha coragem ;)*

No exemplo acima também há um uso do dêitico *qua* que claramente separa o espaço entre o falante e “seu grupo”, e o “grupo” de Fabrizio, seu interlocutor: trata-se de uma discussão sobre as novas taxas a serem cobradas dos trabalhadores devido a uma mudança no sistema financeiro italiano, e, nessa discussão, Fabrizio e seu interlocutor apresentam idéias opostas.

Outros trechos indicam que o dêitico *qui* tem informação de um espaço comum aos interlocutores.

(8) Se ora sono **qui** lo devo al libro di Verne. Fu proprio quel libro a farmi dedicare la vita alla scienza. Ero affascinato più che dal capitano Nemo, dalla sua padronanza della tecnologia e il viaggio del Nautilus nelle profondità abissali...

*Se agora estou **aqui**, devo al livro de Verne. Foi esse livro que me fez dedicar a vida à ciência. Eu era fascinado, mais do que ao capitão Nemo, ao domínio que tinha da tecnologia, e as viagens de Nautilus às profundidades abissais...*

(9) ma se non erro,e dai voi in SPAGNA dove gli uomosessuali si possono sposare???non è cosi???tzzzz....proprio tu ci vieni a fare la predica...?ahah.....Dio mio.....critichi juve per il fatto che scrive 10 messaggi al giorno....ma tu che hai fatto oggi?non credo che abbia fatto cose utile oltre che venire a rompere **qui**.....no?

*Mas, se não me engano, é na Espanha, seu país, que os homossexuais podem se casar??? Tzzz... e bem você vem nos dar sermão? Haha... Meu Deus... você critica o Juventus porque escreve dez mensagens por dia... mas você fez o que hoje? Não acredito que tenha feito algo útil além de vir **aqui** encher o saco... não?*

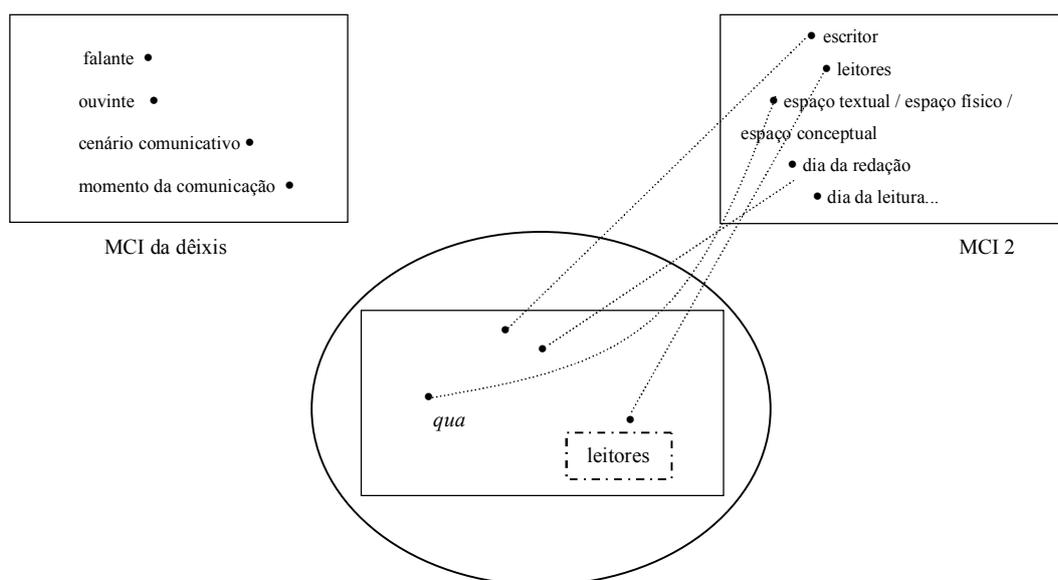
Nos exemplos acima, o conceptualizador opta pelo uso de *qui* porque reconhece o interlocutor como participante efetivo do espaço ao qual se refere e em que se insere. Em (8), temos a declaração de um participante de um concurso do site [www.piublog.com.br](http://www.piublog.com.br) que convida seus internautas a escreverem um texto narrativo. Muitos dos outros textos deste site

contêm o termo *qui* em referência ao próprio blog, uma vez que dialogam entre si: todos são e se reconhecem como usuários freqüentes.

Em (9), uma discussão entre internautas, *qui* também é usado para fazer referência a um blog: um italiano e um espanhol discutem e, segundo o primeiro, seu interlocutor frequenta o site para “perturbá-lo”.

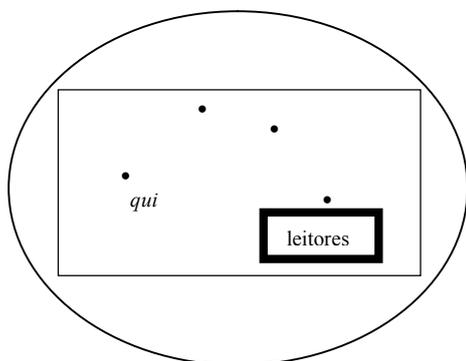
As figuras 5 e 6 abaixo são a representação imagética dos termos *qua* e *qui*, respectivamente. Admitimos que o ground em que se ampara a dêixis locativa de um enunciado linguístico será diferenciado conforme o espaço ao qual o escritor faz referência. Assim, caso seja o espaço em que se insere somente o escritor, a conceptualização do leitor será exclusiva; se a referência for de espaço que contempla a presença do escritor e do leitor, a conceptualização do interlocutor será inclusiva.

Fig. 5



O MCI da dêixis é input-base para o novo ground em que se ampara o termo *qua* – assim como ocorre a cada vez que um indivíduo menciona um termo dêítico (Scamparini, 2006). Do MCI da comunicação escrita, a informação do leitor deriva para o novo ground, dada a natureza da interação; porém, em enunciados em que há a referência locativa proximal, o leitor não será maximamente perfilado. Em outras palavras, o leitor é conceptualizado como participante inerente da comunicação, mas não do espaço referenciado por *qua*.

Fig. 6



Nas sentenças em que o falante opta por *qui*, a concepção que tem do ouvinte é de sujeito atuante, presente no espaço referenciado, além de participante-base da interação discursiva. A informação espacial pode ser a mesma quando interpretados *qua* ou *qui*, isto é, ambos podem significar “blog” ou “cidade x”, porém, a escolha do falante por um ou outro vai depender da maneira como vê seu interlocutor, mais ou menos perfilado, como tentou-se representar nos diagramas acima.

### Considerações conclusivas

A análise dos trechos de língua escrita demonstrou que os dêiticos *qua* e *qui* são marcadores de pontos de vista do escritor gramaticalizados no italiano. Isto quer dizer que a avaliação pragmática dos dêiticos proximais do italiano conta com uma informação semântica anterior à negociação de significados baseada em espaços mentais e MCIs ativados: *qua* fará referência a um espaço conceptual ou físico do qual o leitor não participa ativamente, e *qui* fará referência ao espaço, também conceptual ou físico, compartilhado pelos interlocutores da interação. Essa diferenciação entre os termos ocorre por resultado de um processo de intersubjetificação, que resulta na expressão codificada da atenção do escritor ao envolvimento do leitor como participante do evento de fala – e, conseqüentemente, aos espaços mentais que estão em jogo no ato comunicativo. Seguindo a proposta de prototipicidade e assimetrias de Marmaridou, entende-se que um uso prototípico de *aqui* deve ser interpretado como o lugar em que o falante e destinatário se encontram, seguido da assimetria do termo *aqui* que faz referência ao local onde somente o falante está. Desta forma, pode-se admitir que o termo *qui* é a gramaticalização da construção locativa proximal que mais se aproxima do MCI da dêixis, seguido da assimetria ilustrada pelo termo *qua*.

## Referências bibliográficas

- FAUCONNIER, G. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- \_\_\_\_\_. **Mappings in thought and language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- GOLDBERG, A. E. **Constructions: A construction grammar approach to argument structure**. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Constructions at work. The nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LANGACKER, R.W. Subjectification. **Cognitive Linguistics**, vol/num 1, p. 5-38, 1990.
- MARMARIDOU, S. On Deixis. In MARMARIDOU, S. **Pragmatic meaning and cognition**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 65-116.
- NIKIFORIDOU, N. e KATIS, D. Subjectivity and Conditionality – The marking of speaker involvement in Modern Greek. **Constructions in Cognitive Linguistics**. Amsterdam: John Benjamins, 2000. p. 217-237.
- RUBBA, J. Alternate grounds in the interpretation of deictic expressions. **Spaces, worlds & grammar**. Chicago: University of Chicago Press, 1996. p. 227-261.
- SCAMPARINI, J. **A Interpretação sócio-cognitiva dos dêiticos no discurso**. 2006. 133f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2006.
- TRAUGGOT, E. **Regularity in Semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.